

Experiências e Percepções Vividas por Adolescentes Durante

a Gestação

Living Experiences and Perception By Teenagers During Pregnancy

DA ROSA, Niágara Luana Soares¹; PINTO, Vanessa Medeiros²

RESUMO: Este trabalho refere-se a um estudo qualitativo com delineamento exploratório-descritivo. O estudo foi realizado com adolescentes grávidas, residentes dos bairros Kennedy e Urlândia da cidade de Santa Maria, RS. O objetivo do estudo é analisar, a partir do olhar de adolescentes grávidas, e as que tiveram filhos (as) recentemente, as possíveis mudanças no aspecto social, familiar e psicológico no processo da gestação. As participantes da pesquisa contaram com a participação de cinco gestantes, as quais tenham passado pela experiência de ser mãe na adolescência. O método de coleta de dados foi realizado através de uma entrevista semiestruturada. Com este estudo, conclui-se que as mães adolescentes normalmente desejam a gravidez, porém o status de se tornar mãe na adolescência interfere na evasão escolar e na relação social.

DESCRITORES: Gravidez; Adolescente; Terapia Ocupacional.

¹Acadêmica do 9º semestre de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Franciscano, Rua dos Andradas, 1250, prédio 17, 5º andar, sala 613, CEP: 97010-030, Santa Maria – RS, Brasil. niagara.luanaa@gmail.com Fone: (55) 99196 6487 (autora para correspondência).

²Terapeuta Ocupacional. Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria – RS, Brasil. Mestre em Reabilitação e Inclusão (IPA). nessampinto@unifra.br

ABSTRACT: this research refers to a qualitative study with exploratory-descriptive design. This study was accomplished with pregnant teenagers from Kennedy, Urulândia and Santa Marta neighborhoods. The objective of this study is to analyze, from pregnant teenagers insights who have just had their children quite recently, the possible changes in their social, familiar and psychology aspects in the gestation process. The data collected counted with five pregnant women who have had the experience of having a baby during their youth. The approach was accomplished through a semi-structured interview which provided the mothers a broader approach about the subject. Following this study, it can be concluded that the teenager mothers usually wish the pregnancy, however the status of being a mother in the youth interferes in the evasion and social relations.

KEY WORDS: Pregnancy; Teenager; Occupational Therapy.

INTRODUÇÃO

A adolescência é marcada pelo início da maturidade sexual, é a fase que se inicia ao acabar a infância e, para cada cultura, exige responsabilidades diferenciadas. O famoso “faz de conta” deixa de existir e as atitudes passam a ter consequências reais, nas quais se deparam com situações inusitadas nunca antes vividas e, com isso, vem o desejo pelo novo, pelo diferente (JERUSALINSKY, 2003).

A gravidez é um evento da vida marcado por alterações físicas e psicológicas para a mãe, sendo que é comum também as gestantes passarem por modificações comportamentais, conforme a aceitação e o preparo da mesmas em relação a esta gravidez e às mudanças que vem consigo (FERREIRA, 2014).

Considera-se que de 20% a 25% do total de gestantes no Brasil sejam adolescentes, gerando a visão de que, em média, a cada cinco mulheres grávidas, uma é adolescente. Há uma grande preocupação devido às consequências que a maternidade na adolescência pode acarretar à saúde, à educação e ao desenvolvimento econômico e social (MANFRÉ, QUEIROZ E MATTHES, 2010).

Observam-se, dentro destas estimativas, que estas adolescentes contribuem

para o aumento na taxa de evasão escolar, apresentam desajustes familiares e dificuldades na inserção ao mercado de trabalho.

O fato de a gravidez na adolescência se mostrar com mais força nos países em desenvolvimento, nos quais os números aumentam quanto aos índices de desigualdades sociais e pobreza, tornando-se, assim, um problema de saúde pública.

Segundo Nascimento, Xavier e de Sá (2011), a adolescência é o período em que ocorre a transição da passagem da infância para a vida adulta. Considerando então essa fase como a segunda década de vida, ou seja, dos 10 aos 19 anos, que tem como características transformações biológicas, psicológicas e sociais relacionadas ao crescimento físico, à maturação sexual e à aquisição da capacidade de reprodução, que permitem o desenvolvimento de uma identidade adulta inserida no meio social de forma abrupta.

Silva e Tonete (2006) estabelecem em sua pesquisa que, algumas mulheres, veem a adolescência como uma fase de transição e também como uma forma de treinamento para vida adulta que envolve testes para ver sua aptidão quanto ao papel que irão desempenhar na sociedade, como o papel de ser mãe e esposa, que se assume com maior força quando a mulher consegue engravidar, neste caso independentemente da idade da mesma.

É visível estas mudanças entre a família, na qual o destaque se fixa na figura materna e, em alguns casos, na figura da avó materna. Vejo como relevante citar o cuidado que a adolescente gestante precisa ter consigo mesma, tendo então a compreensão dos familiares desde a descoberta da gestação em diante, período em que gestos de cuidado são extremamente importantes, pois, em alguns casos, a mãe passa a ser tratada em segundo plano, e os familiares preocupam-se apenas com o bebê que está por nascer.

Para Filho (2011), é comum existirem problemas familiares envolvendo desestruturação da família, maus tratos e abusos, os quais também contribuem para o

aumento de gestações na adolescência. Algumas adolescentes veem a gravidez como uma válvula de escape para saírem de casa ou para que os outros tenham mais respeito para com ela.

PROCESSOS METODOLOGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se por ser um estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa. O instrumento utilizado desenhou perguntas abertas e estruturas para compreender os questionamentos levantados como problema de pesquisa. Para Minayo, a “pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações” (2004, p. 77).

Para este estudo, contou-se com cinco adolescentes que residem nos bairros Urlândia e Kennedy da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, as quais passaram pela experiência de ser mãe na adolescência. Inicialmente, o estudo foi apresentado para as adolescentes, após apreciação delas, todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que trata da permissão do indivíduo para participar de pesquisas, bem como fornece a garantia do sigilo total das informações coletadas durante o projeto. Assim, as participantes afirmaram sua concordância com os objetivos da pesquisa.

A pesquisa de campo deu-se nas residências e Unidades Básicas de Saúde (UBS), em dois bairros, Urlândia e Kennedy, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, áreas vulneráveis, com cobertura pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Teve como público alvo meninas com idades entre 13 e 17 anos durante a pesquisa, que foram mães na adolescência, ou estavam grávidas no momento. Neste trabalho as gestantes serão identificadas por nomenclatura com a letra G, seguido dos números de 1 a 5.

No início da pesquisa, utilizou-se o programa Primeira Infância Melhor (PIM) para facilitar o acesso às mães. O convite inicial foi feito por telefone. Após o primeiro

contato, as UBSs dos bairros selecionados disponibilizaram o local para a realização das entrevistas, pois nem todas as mães aceitaram que esse contato fosse feito em suas residências. Houve dificuldades para finalizar a coleta das entrevistas devido ao clima instável (chuva e frio), e devido ao fato de as adolescentes não aceitarem participar receosas de revelar maiores informações, assim reduzindo a amostra do estudo.

Os dados foram coletados entre os meses de abril e maio de 2017, após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Franciscano, aprovado pelo CAAE 67033217.8.0000.5306.

O instrumento utilizado para realizar a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, a qual teve a finalidade de proporcionar às participantes, abertura para o fornecimento de informações relevantes que transpusessem as perguntas realizadas e abordassem mais amplamente as questões propostas. Com base na análise dos dados feita através da leitura das entrevistas, foi organizado categorias escritas que irão compor o trabalho, sendo estas categorias mudanças no cotidiano familiar e transformações no cotidiano.

No roteiro temático das entrevistas havia as seguintes perguntas: O que você considera que foi positivo? O que você considera que foi negativo? Quais as principais mudanças sociais que foram notadas no cotidiano após a gravidez? Ocorreram mudanças familiares após a gravidez? Se sim, quais foram? A gestação gerou mudanças psicológicas, qual você acha mais importante?

A seguir serão abordados os dados oriundos do conteúdo do processo de análise da pesquisa, adquiridos através das entrevistas realizadas com as participantes. Esta exposição de dados coletados foi dividida em duas categorias, de acordo com as respostas obtidas, sendo: os fatores positivos e negativos observados e as mudanças advindas da gestação na adolescência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mudanças no cotidiano

Quando os espaços sociais e de políticas públicas apresentam lacunas, as estratégias de cuidado com as adolescentes grávidas ou em puerpério ficam negligenciadas pelo estado e pela sociedade, interferem no cotidiano das adolescentes mães.

Muitas vezes, o momento da gravidez pode ser compreendido como amadurecimento. O cuidado com o bebê e o reconhecimento social ajuda nesse processo, que é difícil de ser vivido por inúmeros fatores, como, por exemplo, o fato de ocorrer na fase considerada como a mais complicada da vida de alguém, que é durante a adolescência.

“Olha de positivo, a gravidez amadureceu... primeiro eu, e depois meu namorado na época... ele demorou mais para entender bem o que tava acontecendo” (G4).

Moreira et. al diz ainda que, “nessa transição abrupta do seu papel de mulher, ainda em formação, para o de mulher-mãe, a adolescente vive uma situação conflituosa e, em muitos casos, penosa” (2008, p.316).

“Eu acho que me amadureceu, mesmo sendo sem a gente planejar, foi por descuido, né! Mas, meu namorado, que tem a mesma idade que eu, vai assumir (risos), e o bom é que eu termino a escola em meio ano agora e também eu trabalho como estagiária do primeiro emprego vou ficar ate ganhar, eu acho”. (G5)

A gravidez na adolescência tem trazido grandes impactos para a família toda. A partir do momento da descoberta, a primeira a ser afetada é a mãe da adolescente, por ser um fato inesperado e de extrema responsabilidade. Com o passar do tempo, já é possível ver efeitos positivos: formulam-se conversas sobre como é ser mãe; o que

muda na rotina; o tamanho da consequência que vem junto com a gravidez, ainda mais quando precoce. Isso acalma todos os familiares e os amigos que estão à volta desta adolescente, a qual, na maioria das vezes, fica assustada, atormentada e com receio da gravidez. Com o passar do tempo, torna-se um fato positivo a ser compreendido dentro do âmbito familiar (NASCIMENTO, XAVIER e de SÁ, 2011, p. 44),

Para algumas adolescentes o evento da gravidez traz o afastamento das pessoas que convivem com a mesma, devido isso ao julgamento, ao preconceito muitas vezes de as mesmas desejarem ser mães independente da idade, veja nas palavras de G5:

“a família da minha mãe começou a se distanciar após a revelação da gravidez, já com meus amigos, até agora, nossa relação está normal, a família do namorado aceitou mais facilmente a notícia” (G5).

Para uma mãe adolescente, a maternidade sempre chega carregada de dúvidas, contudo, cada uma terá suas particularidades, que envolvem também diferentes realidades a interferir no processo, da descoberta ao momento do parto. Com isso, Rossetto, Schermann e Béria (2014) comentam que alguns pesquisadores já acreditam que a gravidez na adolescência tem sido apresentada com diversos comportamentos, com vivências em realidades distintas, nas quais encontram-se diferentes padrões de percepção. Por exemplo, os aspectos positivos são vistos logo, de forma que a mãe manifesta, já na descoberta, a satisfação por engravidar, os ganhos emocionais e a afirmação da auto-estima quanto a ser mulher:

“Melhorei meu psicológico 100% após a gravidez, a minha ansiedade passou, tenho com o que se entreter durante o dia, me envolvo com as meninas e nem vejo o dia passar. Te confesso que o meu psicológico de hoje é outro, e para melhor”(G1).

Silva e Tonete (2006) dizem que algumas famílias aceitam melhor a gestação, independentemente da idade da gestante; pois, com isso, ela se tornará mulher e passará a ser vista com maior imposição dentro de casa, bem como haverá uma melhora em relação ao cuidado com a mesma. Alguns pais até passam a aceitar esta gestação na adolescência de forma a refletir no lar um clima de convivência mais harmônico.

Nascimento, Xavier e de Sá (2011), falam que a trajetória escolar tem grande relevância ao ser abandonada devido à gravidez precoce que, por esta razão, não se dá continuidade aos estudos, que resulta então numa menor qualificação destas jovens, o que afetará diretamente nos obstáculos que surgirão em seus projetos de vida, os quais serão adiados devido a esta situação. Quanto aos estudos é comum ouvir de mães adolescentes:

“estudos? Abandonei, né!”. (G4)

De certa forma o,

grau de escolaridade dos pais das adolescentes pode estar envolvido nesse ponto. De modo que isso aponta para as dificuldades ou mesmo para a ineficiência ou inexistência de diálogos familiares acerca de orientação sexual e, obviamente, para as limitações próprias do núcleo familiar (Manfré, Quéiroz e Matthes, 2010, p.50).

Por outro lado, existem os aspectos vistos como negativos: a facilidade em desenvolver depressão, e também, em alguns casos, a percepção de que a maternidade pode vir a ser uma experiência prolongada, com dificuldades e solitária. E ainda, os problemas que envolvem assumir uma família, uma casa, que, em vários casos, no início, é preciso ser a casa dos pais, dividindo o já pequeno espaço onde moram:

“Hoje já consigo olhar com mais calma minha barriga e não chorar mais tanto”.

(G5)

“Bah, como negativo eu vejo o financeiro, o bolso, porque mesmo a gente tentando programar essa gravidez guardando dinheiro, e não conseguimos, aí foi um susto, contamos com ajuda da mãe dele e às vezes dos meus pais”. (G2)

A situação conjugal vem sendo destacada também como fator dominante para que a adolescente abandone seus estudos, mostrando que, nestas uniões, na maioria delas, as meninas, mães adolescentes, apresentam baixo nível de escolaridade. (Ferreira et. al, 2014, p. 1576).

Alguns dos problemas emocionais, educacionais, familiares, dentre outros, das adolescentes grávidas reafirmam a visão de que este fato pode acarretar vários comprometimentos no crescimento e nos planos de vida futuros dos envolvidos. Sabe-se, ainda, que, na maioria dos casos, a gravidez não foi planejada deixando então distantes as expectativas de vida na trajetória destas mães jovens. É evidente que se torna comum a união dos pais, encarada como uma cobrança dentro das famílias, sendo imposta, na maioria dos casos, pela figura masculina da casa destas adolescentes (Nascimento, Xavier e de Sá, 2011, p.43).

Percebeu-se que, em vários casos, a aproximação do casal acontece. Acredita-se que isso ocorra devido à que essa alternativa, do casamento, seja vista como positiva, pois uma mudança do estado civil de solteira para o estado civil de casada, traz consigo uma imagem de proteção, de companheirismo e uma maior facilidade em lidar com a maternidade (Ferreira et. al ,2014, p. 1576).

As próprias adolescentes trazem que o suporte familiar desejado, desde a descoberta, pode vir em forma de apoio financeiro, explicações, conselhos, carinho, afeto. Já as famílias percebem a necessidade de colocar a adolescente na realidade, mostrando as responsabilidades em relação ao bebê que vai nascer, e isso talvez explique o sentimento que as famílias demonstram no início, de revolta e frieza (Silva

e Tonete, 2006, p.204), contraste que pode ser verificado nos depoimentos de G3 e G1:

“Tive apoio da família mesmo sendo uma gestação cedo, tanto da parte minha quanto do meu marido na época”.(G3)

“Meu padrasto no início julgava muito, era contra a minha gravidez.”(G1)

A gravidez em geral traz consigo inúmeros fatores que podem estimular o ato de ser mãe, inclusive o cuidado com o recém-nascido e daí por diante. Engloba o contato com o mundo infantil, a alimentação, o cuidado com doenças predispostas a afetar crianças, a atenção exclusiva ao bebê, a preocupação com o clima, incluindo vestuário, a preocupação com a educação, entre outras. Estas atribuições, que vêm junto com uma gestação, são responsáveis, na maioria das vezes, pelo amadurecimento pessoal que pôde ser observado como uma forte mudança na vida de todas as entrevistadas, as quais relataram ser esta a maior mudança na vida delas após a descoberta da gestação e, para algumas, apenas após o nascimento do bebê.

A gravidez na adolescência traz consigo diversas mudanças. Todas incluem os pais, os avós, os familiares e o bebê. Trabalhar com estas adolescentes grávidas traz desafios diários à tentativa de compreensão deste mundo subjetivo e das contradições que envolvem uma gestação, principalmente por ser precoce (Moreira et al., 2008, p.315).

Portanto com base nas respostas adquiridas, as mães adolescentes afirmaram como positivo o amadurecimento que obtiveram e ressaltaram o desejo de querer engravidar e o status do casamento como indicador de empoderamento social. Como aspecto negativo, levantaram questões que envolvem o julgamento da sociedade e da família, a falta de planejamento financeiro, a falha na prevenção, a evasão escolar e a fragilidade das políticas públicas.

Transformações

Santos (2010), dizem que o maior significado destas gravidezes precoces vem de acordo com o contexto social em que vivem estas adolescentes, bem como da faixa sócio-econômica a qual ela pertence. Com isso surge o desejo por ter um filho, por engravidar, conforme as entrevistadas nesta pesquisa comentam:

“Mesmo sendo nova eu queria ficar grávida. Notei que depois que a pequena nasceu a minha mãe e os vizinhos mudaram comigo, me cumprimentavam mais e puxavam assuntos na rua ” (G1).

Reis e Oliveira-Monteiro (2007) comentam sobre suas observações quanto à relação com a falta de oportunidades na vida e também com a necessidade de chamar atenção, por carência afetiva, e então, a partir disso, há uma associação para a maternidade precoce bem como o desejo de ter um filho, que a grande maioria das adolescentes expressa ao ser questionadas quanto a sua gravidez.

No decorrer dos nove meses de gestação, as mães passam por mudanças fisiopsicológicas que trazem consigo uma necessidade de afeto, carinho, cuidado, atenção e proteção, sabendo-se que a adolescência já é caracterizada por mudanças relevantes; porém, ressalta-se que, com a gestação na adolescência, acontece a rápida troca “da situação de filha para a de mãe, do querer colo para dar colo” (Moreira et al., 2008, p.315).

“Lá no bairro que eu moro as pessoas comentavam, falavam muito o que nós dois, duas crianças queriam com outra criança no colo, coisas que entristecem, mas depois de um tempo eu já nem dava bola...” (G3)

Estas adolescentes encontram na gravidez uma reafirmação no papel social, o ser mãe, para elas, torna-as mais mulheres, faz com que se sintam pertencentes à sociedade, ao contexto no qual vivem. Portanto, para essas jovens, a gravidez é vista

e encarada como uma solução nas classes sócio-econômicas mais baixas, e não como um problema social. É o que confirma o depoimento:

“Depois da descoberta da gravidez sabe, as pessoas diziam que eu tava certa porque tinha marido, morar com ele e tal, mesmo sendo nova, e isso no meu bairro é visto como algo bom. Estar grávida com marido junto”. (G4)

Ao analisarmos o contexto social onde estas mães adolescentes vivem, é possível notar que as pessoas relacionam a maternidade com o ser mulher. Trazendo o desejo de ter um filho como um ritual de passagem, uma mudança de status no meio em que elas vivem, transformando-se de meninas para mulheres (Dadoorian, 2003).

Com isso, entra a preocupação que é preciso ter de que a gravidez na adolescência se torne um problema de saúde pública, como nos diz Taborda (p. 20, 2014). O risco encontra-se a partir do momento em que jovens têm a predisposição em desenvolver complicações de saúde após uma gravidez não planejada, afetando, assim, não só questões físicas, como também psíquicas, sociais e familiares.

As mães adolescentes sentem-se inseguras, desde a relação com as mudanças corporais, as mudanças sociais, as dificuldades financeiras, até as mudanças advindas do relacionamento com o companheiro no momento, medo do desconhecido, algo que traz consigo uma grande responsabilidade, que se trata de uma vida, uma nova vida que virá ao mundo (Silva e Tonete, 2006).

“Eu te confesso, que logo que ganhei a pequena tinha vergonha do meu corpo pro meu marido, até rejeitava o... sexo sabe, não queria mais e tal. Com o tempo isso foi passando, mas no começo, nossa foi muito ruim me sentir feia, gorda, com cicatriz, porque eu queria ganhar de normal, mas não deu...” (G2)

Conforme Manfré, Quéiroz e Matthes (2010), há um alerta quanto às consequências que a gravidez na adolescência pode ocasionar de forma preocupante em relação à saúde, à educação e também ao desenvolvimento econômico desta mãe

precoce, bem como da família num todo. Foi possível notar que, na maioria dos casos, as famílias sofreram mudanças significativas após a descoberta da gravidez, e, ainda, após o nascimento do bebê.

Diante das questões sociais que são decisórias ao tocar no assunto da gravidez na adolescência, percebeu-se uma extrema necessidade de reforçar as inúmeras seções da sociedade em prol da redução dos índices de gestação precoce entre as jovens.

CONCLUSÕES

Concluindo este trabalho, pode-se afirmar que a gravidez na adolescência tem fortes relevâncias na questão do abandono escolar, enseja sentimentos de inseguranças, acarreta dificuldades financeiras, ocasiona um impacto familiar, e, por contradição, expressa também a realização do desejo de engravidar, mostrado pela maioria das adolescentes entrevistadas. As mudanças e as interferências oriundas da maternidade interferem diretamente na vida da gestante, e, em consequência, refletirão positiva ou negativamente nos aspectos do relacionamento entre mãe e filho.

Sendo assim, cabe aos profissionais repensar o papel das mulheres adolescentes dentro da sociedade e dos territórios de vulnerabilidade em que estão inseridas, ou seja, repensar a adolescente dentro do território e pensar na sua integralidade dentro do contexto que está inserida.

Contudo, cabe também aos profissionais Terapeutas Ocupacionais apoiar no processo do acolhimento dessas jovens, desde a descoberta da gestação até após o nascimento, acompanhando o desenvolvimento saudável da criança e auxiliando a mãe a manejar sua rotina de forma a conseguir continuar com suas atividades de vida diária, com seus estudos, com o lazer e a busca ou a manutenção do trabalho, independentemente do papel que ocupe socialmente.

Esta pesquisa evidenciou que, apesar de a gestação na adolescência ser, em sua maior parte, não planejada, o desejo da maternidade existia nas jovens. Estes aspectos trazem a importância de perceber o equívoco dos julgamentos a respeito da maternidade na adolescência, e trazem também a importância de pensar novas estratégias de cuidado, de forma intersetorial, com o envolvimento de todos, poder público, organizações sociais, família e escola, encontrando alternativas que possibilitem às jovens sentirem-se protegidas para viverem sua meninice, sem a necessidade de adiantar fases.

O estudo ainda precisa ser aprimorado, pois é possível identificar as fragilidades de uma linha de cuidado que parta do pressuposto clínico e dos direitos humanos, com interface na educação, repensando a integralidade da adolescente para, assim, reduzir a vulnerabilidade no processo de cuidado e de autonomia nos processos decisórios de saúde reprodutiva.

REFERÊNCIAS:

DADOORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar, **Rev. Psicol. cienc. prof.**, vol. 23, n 01, Brasília, 2003.

FERREIRA, E. B. et. al, Causas predisponentes á gestação entre adolescentes, **Revista de Pesquisa Cuidado é fundamental online**, vol. 64, p. 1571-1579, 2014.

FILHO, P. F. et al. Perfil epidemiológico da grávida adolescente no município de Jundiaí e sua evolução em trinta anos. **Rev. Adolesc. e Saúde**, vol. 8, nº 1, p. 21-27, jan/mar , Rio de Janeiro, 2011.

JERUSALINSKY, A. **Adolescência e Contemporaneidade**, In: Conselho regional de Psicologia 7ª Região Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade, Porto Alegre, 2003.

MANFRÉ, C. C.; QUEIROZ, S. G.; MATTHES, A. C. S. Considerações atuais sobre gravidez na adolescência. **Rev. Bras. Med. Fam. e Comum**, vol. 05, nº 17, p. 48-54, Florianópolis, 2010.

MINAYO, M. C. de S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MOREIRA, T. M. M. et. al; Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez, **Rev. esc. enferm. USP**, vol. 42 n. 2, São Paulo, 2008.

NASCIMENTO, M. G.; XAVIER, P. F.; SÁ, R. D. P. Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social, Rio de Janeiro, **Rev. Adolesc. e Saúde**, vol. 8, nº 04, p. 41-47, jan/mar 2011.

REIS, A. O. A., OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R.; Sexualidade e procriação na ótica de jovens de periferias sociais e urbanas. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.**, vol. 17, nº 02, p. 54-63, 2007.

ROSSETTO, M. S.; SCHERMANN, L. B.; BÉRIA, J. U. Maternidade na adolescência: indicadores emocionais negativos e fatores associados em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre, RS, Brasil, **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 19, nº 10, p. 4235-4246, 2014.

SANTOS, R. R. B. **Gravidez na Adolescência: Aspectos Sociais e Psicológicos**, 2010, nº 27, Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Medicina-NESCON, Universidade Federal de Minas Gerais, Curvelo, 2010.

SILVA, L.; TONETE, V. L. P. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado, São Paulo, **Rev. Latino-am Enfermagem**, vol. 14, p. 199-206, 2006.

TABORDA, J. A. et al.; Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas, Rio de Janeiro, **Cad. Saúde Colet.**, vol. 22, 2014.